

QUEM SABE O PRÍNCIPE VIROU UM PERIGO: A RELAÇÃO ABUSIVA EM A MEGERA DOMADA

PERHAPS THE PRINCE BECAME A DANGER: THE ABUSIVE RELATIONSHIP IN THE TAMING OF THE SHREW

Joana Sudbrach Paz*

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Aline de Mello Sanfelici**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo: Este trabalho discute a peça *A Megera Domada*, célebre comédia de William Shakespeare, protagonizada por um casal cujo relacionamento é, no mínimo, problemático, se não potencialmente perigoso. À luz de entendimentos acerca da construção do “ideal romântico” e da conceituação de relacionamentos saudáveis, delineamos o conceito de relacionamento abusivo, com amparo nos estudos desenvolvidos por McCarry (2010), Markey e Markey (2007) e Postmus, Stylianou e McMahon (2015). Entendendo o relacionamento abusivo como diferente do doentio, especialmente por manifestar-se como mais violento (em qualquer tipo de violência, seja física, emocional ou psicológica), promovemos uma discussão sobre a relação entre os personagens Katherina e Petruchio, atentando para os papéis de gênero e as posições de poder de cada uma das partes desse casal. Demonstramos ser possível observar tal relação abusiva, pois Petruchio controla e chantageia a esposa em diversas ocasiões, inclusive com privações severas, em uma dinâmica que muito se distancia do relacionamento saudável.

Palavras-chave: *A Megera Domada*. Ideal romântico. Relacionamento abusivo.

Abstract: This article discusses the play *The Taming of the Shrew*, renowned comedy by William Shakespeare, starring a couple whose relationship is, at least, problematic, but rather potentially dangerous. Taking into consideration concepts regarding the “romantic ideal” and healthy relationships, we outline the concept of abusive relationship, supported by the studies developed by McCarry (2010), Markey e Markey (2007) e Postmus, Stylianou e McMahon (2015). By recognizing the abusive relationship as different than the unhealthy one, singularly for its increased degree of violence (any type of violence, be it physical, emotional or psychological), we aim to

* Graduada em Letras Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5296-0132>. E-mail: <joana.studbrach@gmail.com>.

** Doutora em Língua Inglesa e Literaturas Correspondentes pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9866-4766>. E-mail: <sanfelici@professores.utfpr.edu.br>.

promote a debate about the relationship between Katherina and Petruchio, focusing on the gender roles and power positions of each party of this relationship. We demonstrate the possibility to perceive this relationship as abusive, since Petruchio controls and blackmails his wife in several opportunities, including severe deprivations, in a dynamic that is far from a healthy relationship.

Keywords: *The Taming of the Shrew*. Romantic ideal. Abusive relationship.

Introdução

Este trabalho é fruto¹ de uma investigação sobre relacionamentos entre personagens shakespearianos que, mesmo retratando uma sociedade tão distante, no tempo e no espaço, são textos que delineiam comportamentos, valores e ideologias, e assim nos fazem pensar sobre nossas perspectivas atuais, para reiterar ou refutar paradigmas apresentados. Mesmo sendo de cultura e de tempo distintos dos nossos, tais obras, quando analisadas, podem nos levar a novas conclusões e nos proporcionar o pensamento crítico para nosso próprio contexto. No caso deste trabalho, focamos especificamente na questão do relacionamento abusivo, um tema necessário de ser discutido e, infelizmente, atual – e disto se evidencia sua relevância em ser problematizado. Visamos alertar sobre o tema de relações abusivas, e usamos como título uma paródia da famosa letra de Cássia Eller na música *Malandragem*, em que ela cita como o príncipe virou um chato – o “príncipe encantado” tão sonhado pode não só acabar sendo chato, como também perigoso. Em vista da atualidade e da relevância do tema, trazemos essa discussão pensando, justamente, em contextos de leitura dos adolescentes – mais especificamente, temos em mente a formação de leitores na escola. Nesse sentido, propomos um debate que deve interessar não somente a leitores que leem por prazer e por *hobby*, mas também a professores que trabalhem com o texto literário e seus alunos. Considerando o letramento literário enquanto um desenvolvimento no aluno que o torne mais apto a ler, agir e reagir consciente e criticamente em contextos sociais, acreditamos que nossa discussão seja relevante tanto para professores quanto para seus jovens alunos.

Voltamo-nos para a peça *A Megera Domada* (1590-1591), uma das primeiras obras de Shakespeare. Mesmo sendo uma comédia, seu final não é exatamente feliz. A peça retrata o processo de “domesticação” da megera Katherina por seu esposo Petruchio. No começo da peça, somos apresentados às irmãs Katherina e Bianca, que têm personalidades totalmente opostas. Katherina é intratável e antipática, na visão de sua família, e Bianca é querida e a favorita do pai. Bianca tem pretendentes, mas o pai deixa claro que a filha só se casará quando a “megera” mais velha também o fizer. A autoridade paterna coloca-se, pois, como um obstáculo a ser enfrentado. Os pretendentes de Bianca descobrem, então, Petruchio, que só quer se casar, não importando muito com quem seja. Assim, ele se apresenta para o pai de Katherina, e o casamento é acertado. Sem muita escolha, e sem muito empenho em desistir (apesar de dizer o contrário), Katherina casa, e Petruchio começa o processo para a “domesticação” da megera, que conta com ações de ordem extrema, como a própria privação de sono e de alimento para a esposa.

¹ A pesquisa completa constituiu-se em um Trabalho de Conclusão de Curso no âmbito do curso de Graduação em Letras Inglês da UTFPR, defendido em abril de 2021.

A peça pode ser lida de diversas maneiras, dependendo do olhar de seu leitor, mas é inegável que Shakespeare faz um retrato cômico da posição social que exerce uma mulher, primeiro solteira como posse de seu pai, um bem a ser trocado por dinheiro; depois, como casada, devendo obediência a seu marido – e como vemos em *A Megera Domada*, a obediência estende-se até para necessidades básicas como dormir. Segundo Kahn (1975, p. 89, tradução nossa): “Ao contrário de outras peças de literatura que retratam megeras, essa peça satiriza não a própria mulher na pessoa da megera, mas a atitude misógina dos homens em relação às mulheres”². A esse ponto, faz-se pertinente acrescentarmos que, nas comédias românticas de Shakespeare, incluindo *A Megera Domada* assim como *Sonho de uma Noite de Verão* e *Muito Barulho por Nada*, as personagens femininas se destacam e, independentemente do tratamento que recebem da sociedade ou de seus companheiros, as situações criadas justamente evidenciam sua força e sua coragem.

No presente estudo, nosso objetivo é refinar o olhar para a dinâmica desenvolvida entre Katherina e Petruchio, de modo a demonstrar como o relacionamento dos protagonistas, brevemente delineado anteriormente, pode ser compreendido e classificado como sendo do tipo “abusivo”. Para conduzir o estudo e demonstrar tal argumento, iniciamos com os entendimentos teóricos acerca do ideal romântico e do que constituiria os ditos relacionamentos saudáveis, para, posteriormente, conceituarmos o relacionamento abusivo, especificamente. A partir disso, seguimos com a discussão da peça buscando demonstrar a possível ocorrência do relacionamento abusivo na história de Katherina e Petruchio.

Ideal romântico e relacionamentos saudáveis

Os seres humanos estão constantemente em busca de algo. Há um objetivo motivador do indivíduo, um plano a ser posto em ação e concretizado, algo a ser encontrado e que proporcione satisfação. A busca por um parceiro, um ser complementar, é precisamente uma dessas buscas que nos são impostas culturalmente, sem que tenhamos consciência disso, e as características de um parceiro ideal mudam dependendo da cultura, e também do gênero do indivíduo. Esse parceiro ideal decorre dos nossos projetos pessoais, das nossas expectativas, necessidades e preocupações no momento, portanto as características individuais são variáveis (INÁNCESI; LÁNG; BEREZKEI, 2016). Apesar desse entendimento, Madsen e Collins (2011) listam algumas características frequentemente associadas a relacionamentos positivos, são elas: boas resoluções de conflito, baixa raiva e hostilidade, afeto positivo compartilhado e habilidade de equilibrar as necessidades do casal com as necessidades individuais.

De acordo com Markey e Markey (2007), relacionamentos tendem a durar mais quando os integrantes sentem que são complementares, tanto em comportamento quanto em personalidade. Ao interagir com um parceiro que o complementa, o sujeito sente uma sensação de validação e de segurança. Esse sentimento de validação integra o indivíduo nos padrões de comportamento da sociedade e o faz se sentir pertencente à comunidade.

²Do original: “Unlike other misogynistic shrew literature, this play satirizes not the woman herself in the person of the shrew, but male attitudes toward women” (KAHN, 1975, p. 89).

Hefner e Wilson (2013) identificam quatro aspectos centrais do amor ideal: o amor perdoa falhas, o amor é a busca por um parceiro perfeito (também chamado de alma gêmea), o amor pode acontecer instantaneamente e, por fim, o amor supera qualquer obstáculo. Por sua vez, de acordo com Sánchez (1995), há dois tipos de amor romântico: o padrão e o ideal. O padrão é como o amor tipicamente se desenvolve, e o ideal seria o “perfeito”. O modelo *padrão* de amor pode ser dividido em estágios. São eles:

- Estágio 1 – o amor é indispensável, então o sujeito procura até encontrar seu objeto de amor, alguém que o atraia, e a atração é a causa desse amor.
- Estágio 2 – o sujeito tenta controlar o amor que sente, mas mostra sinais visíveis que são incontroláveis, como corar e ter aumento do ritmo cardíaco. O amor interfere na vida normal do sujeito.
- Estágio 3 – tentativas por parte do sujeito de que seu objeto de amor retribua o amor que ele sente, até que o objeto sinta os mesmos efeitos incontroláveis do amor.
- Estágio 4 – o amor agora é mútuo, os sujeitos são um só e o amor é visto como uma fonte de energia, de valor imensurável, e precisa ser cuidado. Em seu comportamento, existe respeito, carinho, admiração, sacrifício, ciúme, fidelidade, entre outros. Ambos estão felizes.
- Estágio 5 – o amor completa-se com o matrimônio. O grau de amor diminui gradualmente até se transformar somente em carinho.

O modelo de amor ideal desenvolve-se de forma similar, em estágios, porém somente quatro deles existem. No Estágio 1, o sujeito não busca o amor, pois ele aparece como uma força incontrolável. No Estágio 2, não existe tentativa por parte do sujeito em tentar controlar o amor e seus efeitos, e, no Estágio 3, o objeto de seu amor também não tentará controlar. E, por fim, o Estágio 5 não existe, pois o amor permanecerá sempre na intensidade máxima e o casamento dificilmente ocorrerá.

Muitas pessoas possivelmente aceitam ou não saem de um relacionamento *não* saudável por estarem presas ao ideal do amor romântico, à necessidade do par complementar, ainda que esse complemento seja abusivo e prejudicial, e potencialmente perigoso ou até mesmo fatal. É relativamente fácil crermos que, na construção cultural desenvolvida em nossa sociedade, sem um relacionamento a vida é considerada incompleta ou vazia. Então, pessoas podem se sujeitar a algo tóxico, sem perceberem que, no final, era provavelmente melhor estar sozinho. Também, evidentemente, existem muitos casos, com motivos de ordens diversas, como a dependência financeira do companheiro, ou sentimentos como o medo de uma eventual situação de desamparo, ou eventos como ameaças e a falta de outras perspectivas, que atuam como fatores que prendem pessoas a relacionamentos não saudáveis. De acordo com Dunn (2004), a ideia de que mulheres decidem “ficar” em um relacionamento abusivo é no mínimo falha, pois, muitas vezes, elas não têm uma escolha a fazer. O abuso não acontece em um momento separado, mas, sim, em uma sequência de eventos que levam as vítimas a se sentirem presas, mas também culpadas, buscando maneiras de sobreviver e de evitar o julgamento público que a divulgação do abuso acarretaria. É, portanto, impossível precisarmos um único motivo pelo qual mulheres continuam em relacionamentos abusivos, mas é possível educarmos e ajudarmos

outras mulheres a reconhecerem os sinais de alerta, para que não se encontrem ou permaneçam, no futuro, nessa mesma situação.

O relacionamento abusivo

Em um relacionamento abusivo, há o sujeito abusador e a vítima dos abusos. Os resultados de pesquisas analisadas por McCarry (2010) indicam que a maior parte dos abusadores nas relações são homens, que usam a violência como instrumento de controle. Já as mulheres abusadoras, embora em menor quantidade, tendem a usar a violência como método de defesa, o que, apesar de não eximir mulheres da culpa, demonstra um comportamento que se repete. É importante definirmos, também, o que seria a violência, ou o abuso, nesses relacionamentos. Postmus, Stylianou e McMahon (2015) afirmam que os abusos são táticas usadas pelo abusador para manter o controle e o poder sobre seu parceiro. Essas táticas podem ser de diversos tipos: violência física, sexual, emocional (ou psicológica), e até econômica, todas com o intuito de intimidar, isolar e controlar o parceiro. Alguns dos exemplos citados nesse estudo são mais facilmente identificados como abusivos, como, por exemplo, espancar, jogar objetos no parceiro, ameaçar com facas e armas, e forçar fisicamente a ter relações sexuais. Entretanto, há tipos de abusos mais sutis também citados, como: controlar o parceiro com uma mesada, impedir ou tentar impedir o parceiro de ir ao trabalho/à escola e dirigir de forma imprudente com o parceiro no carro.

Os seres humanos procuram amor e harmonia em um relacionamento (MARKEY; MARKEY, 2007), portanto, quando deparados com algo como um relacionamento abusivo, o lógico seria tentar sair dele rapidamente – o que nem sempre acontece, uma vez que muitas pessoas conhecem casos de relacionamentos abusivos, doentios ou até violência doméstica. Hefner e Wilson (2013) citam as estatísticas de sucesso em relacionamentos românticos como alertas de que nossos parâmetros e ideais de relacionamento precisam ser revistos: nos Estados Unidos, há 20% de chance que um casamento termine nos primeiros cinco anos, e somente 52% dos primeiros casamentos de mulheres e 56% dos de homens chegarão a 20 anos de duração. E esses são somente dados de casamento, não levando em conta união estável ou namoro. Em vista dessa alta taxa de fracasso, podemos compreender a insistência de indivíduos em permanecer em um relacionamento que não é saudável, somente para não parecer falho, ou fracassado, nos olhos da sociedade. Insistir em um relacionamento e tentar mudar o comportamento de seu parceiro pode parecer mais fácil do que começar do zero, procurando outro companheiro. McLaren (2015) afirma que muitas mulheres escolhem permanecer em relacionamentos ruins pois suas identidades são moldadas por meio do papel que representam aos olhos da sociedade. Assim sendo, elas fingem relacionamentos de sucesso, mesmo eles não o sendo. Elas são convencidas por discursos dominantes que sustentam que o amor heterossexual e ser um casal são características libertadoras para uma mulher, sem considerar que o parceiro pode ser um abusador ou ela terminar com uma vida de servidão. Então, essas mulheres aceitam o relacionamento como lhes é oferecido, para evitarem ser vistas como “fáceis”, ou pior que isso, fracassadas.

É importante também pensarmos no relacionamento abusivo pela óptica do abusador. O que leva uma pessoa a agredir ou a abusar da outra que diz amar, repetidas vezes? Borochowitz

(2008) conduziu um estudo com 18 homens que foram abusadores em relacionamentos passados, os quais contam sobre como se viam na época. Para esses homens, inevitavelmente, o vilão de suas histórias são as mulheres agredidas. Nas pesquisas de Borochowitz (2008) sobre o psicológico desses homens, ele notou que a maioria dos abusadores têm quatro comportamentos padrões que caracterizam suas emoções: a) muitos vêm de família de origem hostil, psicológica ou fisicamente; b) as emoções centrais de sua vida são raiva, ciúme e sentimento de posse que têm origem em estereótipos de gênero; c) muitos têm problemas para reconhecer e expressar emoções; e d) pode haver dificuldade com intimidade, causando dependência e ansiedade por um possível término. Esses abusadores constroem sua história de vida como se as esposas não fossem pessoas independentes e com suas próprias vontades. Foram encontrados dois tipos de narrativas: o abusador tinha um ideal de relacionamento, e se a esposa se desviava desse ideal ela era a vilã e precisava ser corrigida, pois só a visão dele importava; e a segunda era que a esposa era *uma megera que precisava ser domada*, e a violência era somente uma tentativa de discipliná-la. É claro que o ideal romântico, então, desempenha um papel muito importante nas noções de todos os tipos de relacionamento, mas algumas reações são mais intensas do que outras.

O relacionamento abusivo em *A Megera Domada*

No início da peça, somos apresentados a uma Katherina amargurada e invejosa, que reage com raiva e agressividade ao tratamento diferenciado recebido por ela, a suposta megera, e sua irmã, a mulher ideal. A sociedade a considera uma megera, e ela assim responde à altura. Os homens que cortejam sua irmã também não escondem seu desgosto a ela, mesmo em sua frente: “De um demônio como esse, Deus nos livre!” (SHAKESPEARE, 2017, p. 28). Quando ela expressa seu descontentamento ao tratamento recebido por esses visitantes, ela é, posteriormente, descrita com exagero e ironia: “[...] não viu quando a irmã/Começou a gritar e trovejar,/Quase estourando os ouvidos mortais?” (SHAKESPEARE, 2017, p. 32). Com sua irmã Bianca, a situação é ainda pior. Sabendo que a irmã não é perfeita, mas a sociedade a trata como exemplar, ela julga que a culpa recaía sobre Bianca e a pune por isso:

Bianca: Por causa dele, então, é que me inveja?
 Está brincando, e agora eu compreendo
 Que o tempo todo só brincou comigo.
 Por favor, Kate, liberte minhas mãos.
 Katherina: Como vê, tudo é só de brincadeira.
 (*Bate nela.*). (SHAKESPEARE, 2017, p. 48, grifo do autor).

A vida de Katherina em casa não era das mais fáceis, mas a de seu pai também não era. O pai das irmãs Katherina e Bianca, Batista, não se vê em paz. Sua filha mais velha bate na mais nova, e ele não consegue marido para a mais velha, Kate. Ela, então, com inveja da irmã mais nova e com ressentimento do pai, diz: “Eu já vi tudo:/Querida é ela; marido é pra ela,/Danço eu descalça na festa das bodas./No que lhe importa, eu posso ir para o inferno;/Não fale mais comigo; eu vou chorar/Até encontrar uma vingança boa” (SHAKESPEARE, 2017, p. 49). Com esse desequilíbrio na vida de Katherina, é mais fácil compreender que o casamento com Petruchio, por mais desagradável que ela o ache, parece um escape, um fim à essa comparação

incessante com Bianca, e à dependência ao pai. Todavia, por mais que ela se sinta infeliz na casa do pai, Kate provavelmente não espera o tratamento a ser recebido por seu marido, nem imagina sentir saudade do tempo em que morava com o pai e a irmã, pois sua situação fica muito pior, ao começar a sofrer com o comportamento abusivo que o marido demonstra.

Petruchio aparece na peça como um forasteiro de Verona, que vem à cidade para buscar uma esposa. Ao chegar, ele diz: “Meu velho pai, Antônio, faleceu,/E eu me atirei então nesta aventura/Pra vencer e casar como puder”(SHAKESPEARE, 2017, p. 38). Durante a peça, percebemos que a afirmativa é verdadeira, ele realmente busca vencer em tudo, de qualquer forma. As interações com a esposa também são questões de vencer e de perder para ele. Petruchio não se importa com amor e paixão; ele precisa meramente do *status* de ser casado:

Se conhece
Noiva rica o bastante pra ser minha –
Pois com ouro é que soa a minha corte –
Seja ela a mais horrenda das amadas,
[...] Pouco me importa, e nem tampouco altera
A afeição que há em mim. (SHAKESPEARE, 2017, p. 39).

Quando toma conhecimento de uma mulher intratável, que todos veem como uma megera, ele a reconhece como um desafio, e pretende vencer mais esse, como vence tudo em sua vida: “Basta me dar o nome do pai dela/Que eu a conquisto nem que urre tanto/Quanto o trovão nos temporais de outono” (SHAKESPEARE, 2017, p. 39). Não importa para ele os sentimentos dela, nem o que ela quer. Os relacionamentos dele com seus criados também são marcados pelo medo e pela exigência para ser obedecido de qualquer forma. Quando perguntado se ele tem certeza que quer o desafio que é Katherina, ele e seu criado Grumio demonstram estar na mesma página: “Mas vai cortejar a fera [Katherina]?/Petruchio: Estou vivo?/Grumio: E se não conquistar eu a enforco” (SHAKESPEARE, 2017, p. 43). Começam, aqui, as ameaças, veladas ou não, que Kate tem de enfrentar, ainda sem saber.

Petruchio, então, decidido, vai tratar do casamento com Batista, mesmo sem antes ter conhecido, ou ao menos visto, a pretendente. O pai, em uma demonstração do pouco que considerava a filha, quando Petruchio afirma que quer casar com ela, diz: “Mas sei que a minha filha Katherina/Não lhe serve, por mais que eu lamente” (SHAKESPEARE, 2017, p. 50). Entretanto, Petruchio não seria detido por nada, e não se importa com a opinião de Batista. O pai tenta manter a ficção de que leva em consideração os sentimentos das filhas, mas assim como o “leilão” por Bianca, durante a negociação com Petruchio, ele não se atenta aos sinais de que talvez Petruchio não seja um bom esposo:

Petruchio: Vamos pois redigir contratos claros [...]
Batista: Sim, depois que obtiver o principal,
Ou seja, o seu amor, que é o crucial.
Petruchio: Isso é bobagem. Pois lhe digo, pai,
Sou tão firme quanto ela é orgulhosa;
[...] Sou duro, não namoro como infante.
Batista: Faça como quiser, e boa sorte. (SHAKESPEARE, 2017, p. 53).

Por fim, com o casamento de Kate arranjado, Batista compara as filhas com produtos que, finalmente, podem dar o lucro esperado: “Batista: Senhores, eu pareço mercador/Me aventurando em mercado de risco./Trânio: E o seu estoque que andava encalhado/Agora vai dar lucro ou afundar” (SHAKESPEARE, 2017, p. 61). Assim, se “afundasse”, seria sua filha em risco, o que ele não parece muito reparar, nem se importar. Kate sai das mãos de seu pai, que pouco se importa com ela, e vai para mãos muito piores. Petruccio e Kate finalmente se conhecem. Ele, no início, é doce e a enche de elogios. Kate é linda, é boa: “A mais linda das Kates da cristandade,/Kate a morgada, Kate a delicada/Fique sabendo, Kate do meu consolo,/Que depois de escutar tantos louvores/[...]Fui levado a querê-la por esposa” (SHAKESPEARE, 2017, p. 55). Apesar das palavras bonitas, ele já começa jogos psicológicos com ela. Ele a contradiz em tudo – se ela diz que o céu é azul, ele diz que é verde; em seus jogos, a verdade não tem vez, somente sua soberania.

Apesar de ser rude, Kate nunca tinha encontrado alguém que a acompanhasse em sua batalha verbal. Petruccio a equipara nisso, e a enche de elogios. A única vez em que sua máscara de bom moço desliza é quando vai longe demais, e Kate bate nele: “Petruccio: Que é isso? A minha língua no seu rabo?/Ora, Kate; Sou cavalheiro./Katherina: Eu vou ver. (*Bate nele*)/Petruccio: Eu te arrevento, se bater de novo” (SHAKESPEARE, 2017, p. 57, grifo do autor). O tipo de abuso oferecido por Petruccio não chegou à violência física, somente a ameaças, mantendo Kate sob seu controle. É possível vermos, aqui, o que McCarry (2010) afirma – que os homens usam a violência (de qualquer tipo) como instrumento de controle, e as mulheres utilizam a violência como método de defesa, assim como Kate a usava para se defender do que achava que a irmã fazia, e agora com Petruccio, como defesa de sua honra. Petruccio, depois de pôr um fim às agressões físicas de Kate, volta a elogiá-la, e usa a primeira ameaça velada para controlá-la: “Queira ou não queira, eu caso com você./Marido bom pra você, Kate, sou eu [...]/Você casa comigo *ou com ninguém*./Lá vem seu pai. Não ouse negar nada;/Quero ter e vou tê-la como esposa” (SHAKESPEARE, 2017, p. 59, grifo nosso). Levando em conta a prévia ameaça feita por Grumio, o criado de Petruccio, podemos entender que se ela não aceitá-lo, ela não estará mais viva para aceitar ninguém.

Depois de acertados os detalhes do casamento e marcada a data, Petruccio mostra mais ainda que pretende controlar Katherina totalmente. Ele a humilha publicamente no dia do casamento, primeiro por se atrasar tanto que não se sabia mais se ele não a deixaria sozinha no altar, e, depois, por chegar vestido com roupas desgastadas e sujas. Até Batista se incomoda com o que acontece, porém não o suficiente para salvar sua filha: “Senhor, sabe que é hoje que se casa./Primeiro foi o susto que não viesse;/Susto maior é chegar com esse aspecto./Vamos, tire essa roupa vergonhosa” (SHAKESPEARE, 2017, p. 73). Entretanto, o tratamento desagradável no dia do casamento não parou ali. Petruccio sabe que Kate já não tinha mais saída a não ser aceitá-lo, portanto a faz sofrer. Como apontado por Postmus, Stylianou e McMahon (2015), alguns tipos de violência são mais sutis e difíceis de identificar, e a violência a terceiros é uma maneira de controlar o comportamento do parceiro sem agredi-lo, somente prometendo ou realmente machucando outros se o parceiro não obedecer a seus desejos. Petruccio usa dessa tática diversas vezes. A primeira durante a cerimônia de casamento, como contam os convidados: “Grêmio: [...] o padre – só de susto/Deixou cair o livro e, no apanhá-lo,/O noivo louco deu-lhe um bofetão [...]/Trânio: Que disse a noiva, enquanto o levantavam?/Grêmio: Só tremia, enquanto ele xingava” (SHAKESPEARE, 2017, p. 75). Petruccio, então, começa a demonstrar

agressividade, porém não com Kate. Os criados também comentavam o que acontecia, e um deles conta da ida dos noivos para a casa depois do matrimônio:

[...] como ela se emporcalhou toda em um lamaçal e como ele deixou ela lá, debaixo do cavalo, e *ainda me bateu* porque o cavalo da ama tropeçou; como ela ainda teve de sair chapinhando na lama para *tirar ele de mim*, e ele esbravejou, e *ela que nunca tinha implorado implorou*. (SHAKESPEARE, 2017, p. 82, grifos nossos).

Kate acaba sendo a responsável pelo bem estar de terceiros, ela precisa controlar o temperamento do marido, e para isso ela não pode desobedecê-lo nem contrariá-lo de nenhuma forma. Logo em seguida, após ser recebida como senhora da casa, podemos perceber que até então os criados é quem haviam sofrido o temperamento do senhor da casa. Petruchio segue sendo carinhoso com Kate, e logo depois agredindo alguém: “Kate, fique alegre!![...]Venha lavar-se, Kate; muito bem vinda./Filho da mãe, por que deixou cair? (*Bate no criado*)” (SHAKESPEARE, 2017, p. 85, grifo do autor). Os criados bem sabem o que ela passa e comentam entre si sobre como Petruchio trata Kate: “Grita e pragueja até que a pobre alma/Nem sabe para onde se virar” (SHAKESPEARE,2017, p. 87).

Entretanto, os abusos de Petruchio não ficam somente no âmbito psicológico. Ainda na igreja, quando Katherina é, finalmente, declarada sua esposa e, em sua percepção, sua posse, o corpo dela é agora também dele: “Depois pegou a noiva pela nuca/E sapecou-lhe um beijo tão sonoro/Que chegou a dar eco em toda a igreja” (SHAKESPEARE, 2017, p. 76). E ele expressa em alto e bom som suas opiniões para todos: “Podem festejar bem, *ou se enforçar*/Mas minha linda Kate tem de ir comigo./Não gritem, sapateiem ou se agitem;/Do que a mim pertence eu sou senhor” (SHAKESPEARE,2017, p. 78, grifo nosso).

No entanto, os abusos psicológicos para controlar totalmente Kate não se mostram tão eficientes quanto ele gostaria, como expressado na fala dela: “Mulher acaba com papel de boba/Se não mostrar vigor pra resistir” (SHAKESPEARE,2017, p. 78). Kate tinha espírito e força de vontade, e não desistiria tão fácil. Começa, então, outra tática de Petruchio para controlar Katherina – o controle de seu corpo e de suas necessidades. Petruchio decide que, até ela ser uma mulher obediente, ela não comerá: “Melhor ficarmos ambos em jejum,/Sendo que somos todos dois coléricos” (SHAKESPEARE,2017, p. 86). Depois disso, vem a privação do sono: “Ou seja, vou ficar de olho nela/Como em ave que custa a obedecer./Não comeu e nem come carne hoje,/Não dormiu ontem e nem dorme hoje” (SHAKESPEARE,2017, p. 87). Nessa comparação entre sua esposa e um animal sendo domado, Petruchio resume bem o que ele acha que está fazendo, e qual o papel que sua esposa tem de representar nesse espetáculo. Ela precisa dele como um animal doméstico precisa do seu dono – para todas as necessidades básicas. Petruchio também estabelece sua posição de superioridade, pois pode controlar até a hora em que a esposa come. Não há nenhum aspecto do relacionamento desse casal que lembre, ainda que vagamente, qualquer traço de um relacionamento saudável.

Apesar de tudo já discutido, Petruchio parece ver a si mesmo como um homem que quer somente o melhor para sua esposa – embora, evidentemente, não se importar com o que a própria gostaria. Ao que parece, Petruchio não se vê como um vilão que passa dos limites: “Sempre insistindo, em meio à baderna,/Que tudo é feito por respeito a ela./[...]Assim se *mata a esposa*

com bondade” (SHAKESPEARE, 2017, p. 88, grifo nosso). Ele quer que ela se encaixe em sua visão de relacionamento ideal, e quando ela não se dobra à sua vontade, ele a obriga a fazê-lo, do jeito que pode, mas não se vê como vilão, pois, para ele, isso é somente uma disciplina, e com bondade, como visto por Borochowitz (2008), sobre homens abusadores. Katherina, então, percebe a precária posição em que está, e tenta pedir ajuda aos criados, os outros alvos da fúria de Petruccio:

Quanto mais me maltrata mais se irrita.
Casou pra me fazer morrer de fome?
[...] Mas eu, que nunca soube mendigar,
Nem, na verdade, precisei pedir,
Morro de fome e de falta de sono,
Sempre acordada por pragas e gritos,
E alimentada só pela zoeira.
E o que me irrita mais do que essas faltas
É ele me dizer que tudo é por amor,
Dando a entender que alimento ou sono
Fossem para mim moléstia – e até fatal.
Eu lhe peço: me arranje uma comida;
Sendo saudável serve qualquer coisa. (SHAKESPEARE, 2017, p. 94).

Kate é, finalmente, dobrada, e não tem mais forças para resistir às vontades de seu marido. Ele a chantageia em qualquer oportunidade, como, por exemplo, quando ele diz que são setehoras da manhã e ela afirma que, na verdade, já são duas horas da tarde: “Atente pro que digo, faço ou penso./Pois continua me contrariando. Esqueçam tudo, não viajo hoje; Partida é só na hora que eu quiser./Hortênsio: O bonitão comanda até o sol” (SHAKESPEARE, 2017, p. 102). Ela também não pode apontar algo óbvio, pois, para ela, ele deve estar certo em absolutamente tudo. Ele a está treinando para jamais contrariá-lo, pois ela já sabe o que acontece quando ele não está feliz. Ao irem a caminho da casa do pai de Kate, ele também ameaça impossibilitá-la de ver sua família se ela não o beijar no meio da rua. Quando ela demonstra vergonha, ele diz: “Vamos para casa, então. Moleque, em frente!/Katherina: Eu beijo, pronto! Amor, vamos ficar./Petruccio: Não ficou bem assim, querida?/Antes tarde que nunca, nesta vida” (SHAKESPEARE, 2017, p. 118).

Na casa de Batista, temos o desfecho da peça, com uma Kate com o espírito e a vontade quebrados, e um Petruccio exultante em sua vitória. Longe de ser um relacionamento saudável, observamos, nesse desfecho, a partir de tudo o que transcorreu, o quanto o casal se encontra em diferentes esferas em uma suposta balança de equilíbrio, com Kate humilhada, “no chão”, e seu esposo, ao contrário, “no topo”. Também nesse último ato, evidencia-se o contraste entre as mulheres da peça, e um contraste entre quem é Kate antes e depois do casamento. Bianca aparece logo na chegada de Kate e Petruccio, e quando Petruccio é rude com ela, como ele é com Kate, Bianca responde: “Sou ave sua? Vou mudar de galho/Arme o seu arco pra ver se me pega./São todos bem-vindos” (SHAKESPEARE, 2017, p. 120). Percebemos que, depois de seu casamento, Bianca é livre para ser quem é e falar o que deseja falar. Petruccio, para se gabar perante os outros homens presentes sobre sua total vitória sobre Katherina, faz uma aposta: Quem tem a esposa mais obediente? Nos discursos dos homens, podemos perceber uma diferença crucial

entre o tratamento com as esposas. Lucentio, para Bianca, manda dizer: “Biondello, vá dizer que eu ‘*stou chamando*” (SHAKESPEARE, 2017, p. 122, grifo nosso). Hortênsio manda dizer para a viúva com quem casou: “Senhor Biondello, *peça à minha esposa/Que venha logo aqui*” (SHAKESPEARE, 2017, p. 122, grifo nosso). Já Petruchio manda seu próprio criado: “Moleque Grumio, diga à sua ama/Que eu *ordeno* que venha até aqui” (SHAKESPEARE, 2017, p. 123, grifo nosso). A própria escolha lexical feita por Petruchio demonstra que ele sente que Kate é mais uma serva sua, que tem de fazer o que ele ordena, quando ele ordena.

Na comparação entre Kate e Bianca, é Kate quem leva a vantagem, mas não pelos motivos que inicialmente ela gostaria:

Petruchio: Kate, não lhe vai nada bem o seu toucado;
Livre-se dele; arrebente-o com os pés.
(Ela obedece)
Viúva: Senhor, que eu nunca venha a suspirar
Antes de me tornar assim tão tola.
Bianca: Que vergonha! E ainda diz que isso é dever?
Lucentio: Quem dera fosse tola assim também.
O seu dever tão sábio, cara Bianca,
Já custou, nesta ceia, cem coroas.
Bianca: Pela tolice de me impor deveres. (SHAKESPEARE, 2017, p. 125).

Enquanto Bianca, que é a “mulher perfeita”, tem a sorte de conseguir um relacionamento que realmente a liberta do ideal opressor sob o qual vivia, Kate só consegue uma situação pior que antes, apesar de, *no olhar da sociedade*, ela ter se tornado uma mulher melhor. Uma mulher melhor para os outros homens, uma boba na visão das mulheres, e, no fim das contas, uma mulher subjugada e controlada. Seu discurso final é sutil, mas demonstra uma total desesperança com suas tentativas frustradas de ter algum desejo que não seja os de Petruchio:

Seu marido é senhor, é vida, é guarda;
Seu chefe e soberano, ele é que a cuida.
[...] Já tive pretensões iguais às suas,
Coragem e razão inda maiores,
Brigando com palavra e cara feias.
Mas vejo que *são palha nossas lanças*,
Com força fraca e uma fraqueza imensa,
Querendo aparentar o que não temos. (SHAKESPEARE, 2017, p. 126,
grifos nossos).

Por fim, voltamos ao mesmo ideal de que mulheres têm o que merecem, como Bianca afirma: “Lucentio: E o que pensa a senhora de sua mana?/Bianca: Que, louca, tem o louco que merece” (SHAKESPEARE, 2017, p. 79). Se, como McLaren (2015) afirmou, as identidades femininas são moldadas por meio do papel que têm nos olhos da sociedade, então Kate é duplamente definida pela sociedade – antes e depois do matrimônio. Ela também cai no discurso de que o casamento é libertador, e, no seu caso, nada a libertaria. Já Petruchio, como visto por Borochowitz (2008), é a figura do abusador com sentimentos de posse, que vê sua esposa não como companheira, mas como mais uma posse sua: “Ela é meus móveis, utensílios, casa/Meus

pertences, meu campo, meu celeiro,/Meu cavalo, meu boi, meu asno, tudo./E aqui está ela. Que a toque quem ousar!” (SHAKESPEARE, 2017, p. 78). Apesar disso, os dois são semelhantes em atitudes e falas; a única diferença é o tratamento dispensado pela sociedade para um homem e uma mulher “difíceis”. Petruchio, o intratável, e Katherina, a demônia: “Trânio: Mais maldito que ela? É impossível./Grêmio: Ele é um diabo, é um demo, um demônio./Trânio: E ela diaba, ela é a mãe do cão” (SHAKESPEARE, 2017, p. 75). E ainda, na opinião dos servos, depois de conhecerem Kate: “Mas pelo que diz, ele é mais megera do que ela” (SHAKESPEARE, 2017, p. 82). Talvez aqui possamos pensar em termos de destino: dois temperamentos iguais, agressivos e violentos, porém um homem e uma mulher. Talvez o destino de Kate tenha sido traçado a partir do infeliz momento em que ela nasceu – uma mulher.

Considerações finais

Acreditamos ser inegável a importância de abordar o tópico de relacionamentos abusivos com os adolescentes. Os jovens podem ler dado texto literário e não perceber o abuso, não identificando situações problemáticas que talvez sejam recorrentes (ou normalizadas) em sua leitura de mundo. Como vimos, o abuso dá-se na tentativa de controlar o parceiro, seja com violência física, sexual, psicológica e/ou econômica, de modo a intimidá-lo, isolá-lo e controlá-lo (POSTMUS;STYLIANOU;MCMAHON, 2015).

O que impulsionou o desenvolvimento deste artigo foi o desejo de contribuirmos, em algum grau, com a identificação e o entendimento do que são os relacionamentos abusivos, um assunto que tem sido problematizado com frequência na atualidade – com justificada necessidade. Fomos, também, motivadas pelo interesse em alertar potenciais formadores a pensarem e a discutirem o assunto em sala de aula com os jovens, que podem erroneamente romantizar esse tipo de relacionamento. Durante o período da adolescência, os jovens tendem a se afastar da família e a estabelecer novos tipos de relações diferentes das familiares. Nesse contexto, seus padrões de comportamento são desenvolvidos a partir de outros referenciais (CHRISTOPHER;POULSEN; MCKENNEY, 2016). Assim, exemplos de relacionamentos saudáveis, não violentos e abusivos, na literatura ou em qualquer outro meio, podem auxiliá-los a criar concepções positivas; exemplos de relacionamentos abusivos, se não forem problematizados e discutidos criticamente, podem também ser assimilados – nesse caso, com um entendimento potencialmente danoso sobre relacionamentos. Hoggart (1996) trata sobre a influência da literatura nas percepções de mundo dos leitores:

Boa literatura recria o sentido da vida, seu peso e sua textura. Recria a completeza empírica da vida – da vida das emoções, da vida da mente, da vida individual e social, o mundo cheio de objetos. Ela cria todas essas coisas juntas, como estão presentes na vida que nós vivemos. (HOGGART, 1996, p. 278, tradução nossa).

Sendo a literatura instrumento eficiente para compreendermos emoções alheias comparando-as com nossas próprias, acreditamos que a pesquisa aqui realizada é importante não apenas para leitores, mas também para estudantes em contexto escolar. Levar para a sala de aula obras

que tratem de relacionamentos diversos, inclusive os abusivos, pode ajudá-los a desenvolver o pensamento crítico acerca do tópico, contribuindo para a própria vida individual de cada aluno que desenvolve tal pensamento, assim como, em uma escala mais ampla, contribuindo, também, para futuras mudanças de paradigmas, tão necessários para nossa sociedade.

Referências

BOROCHOWITZ, D. Y. The Taming of the Shrew. **Violence Against Women**, [s.l.], v. 14, n. 10, p. 1166-1180, 6 ago. 2008. SAGE Publications. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1077801208323761>

CHRISTOPHER, F. S.; POULSEN, F. O.; MCKENNEY, S. J. Early adolescents and “going out”. **Journal of Social and Personal Relationships**, [s.l.], v. 33, n. 6, p. 814-834, 10 jul. 2016. <http://dx.doi.org/10.1177/0265407515599676>

DUNN, J. L. “Victims” and “Survivors”: emerging vocabularies of motive for “Battered Women Who Stay”*. **Sociological Inquiry**, [s.l.], v. 75, n. 1, p. 1-30, 21 dez. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1475-682X.2005.00110.x>

HEFNER, V.; WILSON, B. J. From love at first sight to soul mate: the influence of romantic ideals in popular films on young people’s beliefs about relationships. **Communication Monographs**, [s.l.], v. 80, n. 2, p. 150-175, jun. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/03637751.2013.776697>

HOGGART, R. Literature and society. **The American Scholar**, [s. l.], v. 35, n. 2, p. 277-289, jun. 1996.

INÁNCESI, T.; LÁNG, A.; BERECZKEI, T. A darker shade of love: machiavellianism and positive assortative mating based on romantic ideals. **Europe’s Journal of Psychology**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 137-152, 29 fev. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5964/ejop.v12i1.1007>

KAHN, C. “The Taming of the Shrew”: Shakespeare’s Mirror of Marriage. **Modern Language Studies**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 88-102, 1975. DOI: <https://doi.org/10.2307/3194204>

MADSEN, S. D.; COLLINS, W. Andrew. The salience of adolescent romantic experiences for romantic relationship qualities in young adulthood. **Journal of Research on Adolescence**, [s.l.], v. 21, n. 4, p. 789-801, 9 mar. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1532-7795.2011.00737.x>

MARKEY, P. M.; MARKEY, C. N. Romantic ideals, romantic obtainment, and relationship experiences. **Journal of Social and Personal Relationships**, [s.l.], v. 24, n. 4, p. 517-533, ago. 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0265407507079241>

MCCARRY, M. Becoming a ‘proper man’: young people’s attitudes about interpersonal violence and perceptions of gender. **Gender and Education**, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 17-30, jan. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/09540250902749083>

MCLAREN, H. Falling in love with romantic ideals: women in relationships with child molesters. **Culture, Health & Sexuality**, [s.l.], v. 18, n. 2, p. 143-155, 25 ago. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/13691058.2015.1066857>

POSTMUS, J. L.; STYLIANOU, A. M.; MCMAHON, S. The abusive behavior inventory–revised. **Journal of Interpersonal Violence**, [s.l.], v. 31, n. 17, p. 2867-2888, 21 abr. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0886260515581882>

SÁNCHEZ, A. B. Metaphorical models of romantic love in Romeo and Juliet. **Journal of Pragmatics**, Murcia, v. 6, n. 24, p. 667-688, dez. 1995. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00007-F](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00007-F)

SHAKESPEARE, W. A Megera Domada. In: LEÃO, L. de C. (org.). **Grandes obras de Shakespeare**: volume 2: comédias. Tradução Barbara Heliadora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 9-127.